

# NAÇÃO CRIOLA E A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES: QUANDO MEMÓRIAS E CULTURAS SE ENTRELACAM NA HISTÓRIA

## CREOLE NATION AND FRADIQUE MENDES' CORRESPONDENCE: WHEN MEMORIES AND CULTURES INTERTWINE IN HISTORY

**Edilson Miranda Silva**

Pós-graduado em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: silvae.m@hotmail.com

**Ederson Luis Silveira**

Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

E-mail: ediliteratus@gmail.com

**Raimundo Expedito dos Santos Sousa**

Doutorando em Estudos Literários pela UFMG; Bolsista FAPEMIG

E-mail: raimundo\_sousa@terra.com.br

### RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade trazer contribuições para pensar nas relações entre a cultura e o texto literário, tomando como *corpus* de análise as obras *Nação Criola: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, de José Eduardo Agualusa, e *A Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz, reconhecendo a existência do imbricamento entre as três nações Angola, Brasil e Portugal, a partir da construção do personagem Carlos Fradique Mendes.

**Palavras-chave:** Literatura. Nação. Correspondência.

### ABSTRACT

This paper aims to bring contributions to think about the relationship between culture and the literary text, taking as analysis corpus the works “*Nação Criola: a correspondência secreta de Fradique Mendes*”, by José Eduardo Agualusa, and “*A Correspondência de Fradique Mendes*”, by Eça de Queiroz, recognizing the existence of overlapping between the three nations Angola, Brazil and Portugal, from the construction of the character Carlos Fradique Mendes.

**Key-words:** Literature. Nation. Correspondence.

## 1 O HOMEM ENTRE TEIAS QUE ELE MESMO TECEU

Há alguns anos, Ítalo Calvino (1993) ensinou-nos sobre a definição de clássico que não desatualiza seus efeitos até hoje: clássico é tudo aquilo que não terminou de dizer o que tinha para dizer. Em uma das edições de um clássico do autor Homi Babha, intitulada *O local da cultura*, temos algumas considerações que podem servir de ponto de partida para as reflexões que vão ser delineadas no presente trabalho. Utilizando como inspiração o pensamento de Heidegger, para quem uma fronteira não é o final de algo, mas um ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente, Babha (1998) vai então discorrer acerca dos modos de pensar a cultura na contemporaneidade a partir das questões de hibridismo e multiculturalismo, por exemplo, em que a cultura é pensada a partir do espaço fronteiro que instaura a ideia do novo como algo insurgente de tradução cultural.

Sendo assim, entendemos o homem como um animal amarrado a teias que significados que ele mesmo teceu, conforme nos traz Clifford Gertz, retomando o enunciado de Max Weber para demarcar o que pode ser entendido como cultura. Para Gertz (1978, p. 15), a cultura pode ser vista como sendo “essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado”.

Essa definição de cultura vai ao encontro das considerações de Homi Babha (1998), para quem o olhar para as relações entre a humanidade e a cultura, ao invés de retomar o passado, renova-o, dando a ao passado vestes de um “entre-lugar” que inova e produz efeitos no presente. Desse modo, o hibridismo cultural, que aponta para a existência de diversas culturas em contato, está, desse modo, ligado a zonas fronteiriças que podem lançar luzes para pensar a modernidade e assim problematizá-la. Sendo assim, “o estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de ‘alteridade’” (BABHA, 1998, p. 33). Pensar a alteridade e a diferença, eis duas questões que se entrelaçam nas reflexões empreendidas no texto que o leitor tem em mãos. Isso traz implicações acerca do próprio conceito de cultura. Então, valem as palavras da estudiosa Heidrun Krieder Olinto2003, p. 72):

Estudos de cultura, como investigação de instituições sociais e técnicas fundadas sobre formas de ação, normas e valores mediados simbolicamente, se fundamentam hoje cada vez menos por princípios transcendentais, mas antes pela autocompreensão de pertença ao próprio processo cultural. Cultura se entende, nesse sentido, como objeto de um interesse disciplinar e refere-se a procedimentos de segunda ordem a partir dos quais observamos, analisamos, comparamos e relativizamos práticas culturais de primeira ordem que emergem mescladas com múltiplas interferências de ordem inter e transcultural.

De acordo com Tânia Franco Carvalhal (2003), uma das pioneiras nos estudos sobre literatura comparada no Brasil, o enfoque do comparatismo literário deve incidir menos sobre as semelhanças do que sobre os pontos que diferenciam duas composições literárias aparentemente confluentes:

o comparatismo enquanto postura crítica significa ler em contraponto o que está em torno, aquilo que de um dado objeto se aproxima e, mesmo que se lhe aparente, também dele difere. Se a *leitura em vizinhança* (ou de relações das margens) é de natureza comparatista, não há como negar a produtividade da literatura comparada para a análise de literaturas/culturas próximas e vizinhas, cujos processos históricos de formação e consolidação, com posterior autonomia, conferem aos seus integrantes uma feição parecida, sem os tornarem iguais (CARVALHAL, 2003, p. 174).

Nesse sentido, torna-se relevante considerar o fato de que *Nação Crioula*: a correspondência secreta de Fradique Mendes, de José Eduardo Agualusa, foi publicada em 1997, quase cem anos depois da obra *A correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz. Apesar da confluência de trazerem à cena literária um mesmo personagem, ambas as obras apresentam dissonâncias que tornam instigante o exercício de cotejamento mediante uma abordagem comparatista. Afinal, para além dessa disjunção temporal, ambas as obras apresentam encenam percursos bastante diversos para um viajante, Carlos Fradique Mendes, um missivista que, no romance de Eça, afirma: “[...] eis aí uma maneira de perpetuar as idéias de um homem que eu afoitamente aprovo: publicar-lhe a Correspondência! [...] Além disso, uma Correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem.” (QUEIRÓZ, 1997, p. 114).

Com vistas a explorar essa estratégia de construção textual de uma figura histórica, o autor angolano José Eduardo Agualusa escreve *Nação Crioula*, um romance que se caracteriza pela composição epistolar. A publicação consiste em vinte e seis cartas escritas por Fradique Mendes e endereçadas a sua madrinha francesa (Madame Jouarre), sua amada angolana (Ana Olímpia) e ao escritor Eça de Queiróz – o qual se torna personagem da obra; com exceção, claro, da última carta produzida por Ana Olímpia e destinada ao romancista, em 1900. Vale observar que a carta escrita por Ana Olímpia é, de certa maneira, um grande resumo dos acontecimentos do livro que relata a Eça de Queiróz as aventuras e a morte de Fradique Mendes.

Neste contexto, a literatura se insere no bojo das reflexões sobre a cultura, sendo artefato cultural e também produto da humanidade, enquanto criação. Dessa forma, torna-se também relevante discorrer sobre o estatuto reflexivo da correspondência enquanto gênero, já que os textos mencionados referem-se a cartas que possibilitam pensar na construção do personagem Fradique Mendes. Conforme Gontijo (2005),

Servindo como meio de comunicação privilegiado entre intelectuais, que compartilham interesses, experiências e projetos, as cartas indicam a existência de redes de estudo a distância, através das quais se constrói um espaço singular para reflexões sobre si mesmo, sobre a história e sua escrita. Tais reflexões, longe de constituir teorias da história rigidamente elaboradas e acabadas, favorecem um tipo de conhecimento dialógico, construído de maneira coletiva e, ao mesmo tempo, fragmentada. “Pensar por carta” estimula os missivistas a testar formas de pesquisa e expressão bastante distintas daquela encontrada em livros e artigos, por exemplo. Às vezes, em meio a recordações do passado, referências à saúde e comentários sobre os problemas do dia-a-dia, a vida alheia, a política e os trabalhos em andamento, é possível localizar indícios de um saber em contínua transformação. De modo lacunar e muitas vezes inconcluso, a correspondência permite uma rápida construção, confrontação e difusão de ideias. Entre convenções e improvisos, a reflexão toma um rumo provisório, efêmero, aberto a futuras modificações, o que permite explorar certas liberdades de dizer e de pensar. (GONTIJO, 2005, p. 159-160).

Quando o que está em jogo são as relações interculturais, nas correspondências de Fradique Mendes pesa o seu valor de atualização que sofreram devido à distância de publicação entre as obras analisadas no presente trabalho. Desse modo, além de seu valor documental, a correspondência tem um importante valor histórico enquanto forma de reflexão sobre o momento vivido ou observado pelo escritor e, desse modo, sua análise contribui para o exame da memória cultural referente a um período histórico específico, que se (re)atualiza com o passar do tempo, promovendo novos e outros debates, como os que empreenderemos aqui.

## **2 EÇA DE QUEIROZ E JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: NARATIVAS E (CONTRA) PONTOS**

Levando em conta as reflexões assinaladas anteriormente podemos inferir que, por meio de suas correspondências, José Eduardo Agualusa dedica-se ao exame das relações entre três nações: Portugal, Brasil e África.

Muita gente não compreende porque é que os escravos, na sua maioria, se conformam com a sua condição uma vez chegados à América ou ao Brasil. Eu também não compreendia. Hoje compreendo. No navio em que fugimos de Angola, o Nação Crioula, conheci um velho que afirmava ter sido amigo de meu pai. Ele recordou-me que na nossa língua o mar tem o mesmo nome que a morte: Calunga. Para a maior parte dos escravos, portanto, aquela jornada era uma passagem através da morte. A vida que deixavam em África, era a Vida; a que encontravam na América ou no Brasil, um renascimento. Para mim também foi assim. Em Pernambuco, e depois na Bahia, reencarnei pouco a pouco numa outra mulher (...). Quando nasceu Sophia eu já me sentia brasileira; porém sempre que ouvia versos do mulato Gonçalves Dias era em Angola que eu pensava (...) Estou na vida como numa varanda. (AGUALUSA, 2008, p. 156-157)

Cabe acentuar que o romance se articula por uma sequência de cartas que se inicia em maio de 1868, com a chegada de Fradique Mendes a Angola e se conclui em agosto de 1900. Nas correspondências em tom laudatório, Fradique aparece como um grande homem, detentor

do conhecimento, admirado por todos, por ser um fidalgo que “pertencia a uma velha e rica família dos Açores; e descendia por varonia do navegador Dom Lopes Mendes, filho segundo da Casa de Troba e donatário de uma das primeiras capitânicas criadas nas ilhas por começos do século XVI” (QUEIROZ, 1923, p. 15).

Além disso, Fradique mostra-se preocupado com valores morais e sociais de seu povo, ou seja, assume um discurso eminentemente nacionalista. Em um contexto histórico marcado pela consolidação do nacionalismo como principal ideologia política moderna, nos termos de Hobsbawm (1990), Fradique assume um ponto de vista marcado pela ênfase na ideia de nação. Desse modo, o personagem prezava pelos ideais propalados pela Revolução Francesa de 1789 e incorporados ao discurso nacionalista moderno, herdeiro das revoluções estadunidense e francesa. Em certa medida, os valores nacionalistas estão imbricados em seu temperamento. Afinal, “O que impressionava logo na inteligência de Fradique, ou antes na sua maneira de ser exercer, era a suprema liberdade junta à suprema audácia.” (QUEIROZ, 1923, p. 5)

Na tessitura narrativa de Queiroz, Fradique Mendes é um homem que não cria raízes. Assim como um cientista que crê na objetividade científica e procura se distanciar de seus objetos de estudo, o personagem gosta de manter o devido distanciamento em relação aos lugares que visita. Eça de Queirós, através do personagem Fradique Mendes, homenageia e sintetiza as ideias e os ideais da geração à qual pertenceu.

Por sua vez, José Eduardo Agualusa tece um Fradique bastante diverso, que se deixa envolver-se pela cultura dos espaços que ocupa. Um Fradique menos distante, menos “científico”, que se envolve emocionalmente com as pessoas e culturas dos lugares que visita; um Fradique que, sob uma perspectiva que precede a da hibridação cultural ou transculturação, presencia um mundo em que as culturas se chocam, imprimindo as marcas desse choque umas nas outras. Ao explorar os processos de interação cultural, Pratt (1999) desenvolve o conceito de “zona de contato” (*contact zones*) para explorar o modo como, em espaços fronteiros marcados por de encontros culturais, as culturas interagem entre si, modificando-se mutuamente revelando a presença do estranho enquanto alteridade marcada pelo encontro com o outro e a fronteira enquanto lugar em que algo começa a ter início a partir deste encontro. Dessa forma,

Embora o “estranho” seja uma condição colonial e pós-colonial paradigmática, tem uma ressonância que pode ser ouvida distintamente – ainda que de forma errática – em ficções que negociam os poderes da diferença cultural em uma gama de lugares trans-históricos. (BABHA, 1998, P. 30)

Fradique, tal como Agualusa o concebe, aproxima-se mais desse sujeito híbrido, capaz de vivenciar o contato com o Outro de modo mais relacional e, ao narrar esse choque cultural, exprime a consciência de que o viajante europeu não influencia as culturas autóctones de forma unilateral, pois reconhece que nos encontros culturais ambas as culturas, embora em condições de poder assimétricas, são impactadas pelo contato com a alteridade:

Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana de açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais sutil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É, a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam da África. (AGUALUSA, 2008, p. 09).

No entanto, essa consciência híbrida ocorre em um processo gradativo. Agualusa começa sua “correspondência secreta” apresentando um Fradique irônico em Luanda: “Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo.” (AGUALUSA, 2008, p. 09).

Aos poucos, todavia, passa a ser um observador menos irônico e distanciado do mundo angolano, mas ainda mantendo a crítica costumeira ao “mundo português”, em parte por estar mobilizado pela paixão pela ex-escrava Ana Olímpia, o que o leva a fugir com ela no navio negreiro para o Brasil, onde, do outro lado do Atlântico, viria a aderir à luta abolicionista.

Em uma carta, endereçada ao próprio Eça, que se torna personagem de Nação Crioula, Fradique Mendes anuncia a virada decisiva na sua vida, quando afirma, a propósito da luta abolicionista em que se tona imprescindível que ele tivesse que decidir sua opção de classe. (AGUALUSA, 2008). Assim, passamos a ter um Fradique Mendes que se identifica e se engaja na causa do outro. Vemos, aqui, como o impacto das trocas culturais implica a adesão do viajante a uma causa que, a princípio, era alheia ao seu universo. Noutros termos, a atitude de Fradique Mendes em se tornar abolicionista demonstra o efeito da experiência da transculturação sobre o viajante.

Neste contexto, cabe acentuar que as leituras etnográficas tradicionais se detêm aos modos como os povos ameríndios, africanos ou asiáticos reelaboram os elementos culturais que recebem das culturas metropolitanas. Porém, referindo-se ao conceito de transculturação, desenvolvido pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz, Machado (2000) situa o conceito na obra de Patt (1992), em que

[...] transculturação, entendido como um fenômeno da zona de contato e que se refere às apropriações dos materiais nativos pelos europeus mas também à maneira pela qual os coloniais se apropriam dos estilos imperiais, construindo eles próprios modos de representação que, absorvidos pelo olhar imperial, constituem um universo cognitivo

que passa a ser considerado como originariamente europeu. O termo transculturação foi criado na década de 40 por Fernando Ortiz em seu *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar*, e é lá correlacionado ao universo das trocas culturais. Este mesmo conceito foi, na década de 70, utilizado por Angel Rama nos estudos literários. No entanto, parece-me que o uso extensivo do conceito de transculturação em Olhos do Império reporta-se a um universo mais amplo, que é o da constituição de repertórios de símbolos, imagens e discursos que conformam um modo ou estilo cognitivo e um repertório semântico e imagético por meio do qual o outro colonial passa a ser abordado. (MACHADO, 2000, p. 282-283, grifo da autora)

Note-se que essa definição, de caráter unilateral, não pressupõe a possibilidade de ocorrer o inverso: o viajante europeu ser impactado pela cultura nativa, tal como ocorre com Fradique Mendes na obra de Agualusa. Esse detalhe demonstra que o discurso etnográfico, marcado ainda por certo eurocentrismo, não leva em conta o caráter multifacetado das dinâmicas engendradas nas trocas culturais.

É interessante notar esse imbricamento cultural do protagonista nas saudações finais na primeira e terceira cartas destinadas a sua madrinha Jouarre Luanda. Na primeira, ele se despede apenas como “Portugueses como antigamente, da velha cepa de Cabral, Camões e Fernão Mendes Mendes já só restam dois querida madrinha: ele, este seu afilhado Fradique”. Já na terceira, ele se identifica como “seu afilhado quase africano”. Observe-se que a expressão “quase africano” denota certa admiração pelo povo africano e sua cultura. É nessa maneira com que o personagem se exprime nas cartas que o leitor vai percebendo como se dá a construção de um Fradique Mendes híbrido, impactado pela experiência da transculturação.

Em uma das cartas, ao relatar a viagem para sua madrinha, ele menciona o episódio da cantoria, pelos marinheiros, de versos de Castro Alves, poeta abolicionista brasileiro. Os versos de Castro Alves, cantados por um marujo vindo da África e agora a caminho do Brasil, resumem o alcance dos ideais abolicionistas e republicanos no fim do século XIX, bem como sua forte penetração junto às camadas populares. Assim, os poemas de Castro Alves inflamavam as emoções do povo e eram transmitidos oralmente também junto aos escravos.

Impressionou-me também nesta estranha viagem um episódio que não resisto a contar-lhe: uma noite um dos marinheiros, moço de voz quente, começou a cantar, acompanhado à viola, uma moda triste, na qual julguei reconhecer, espantado, alguns versos de Castro Alves: “Senhor Deus dos desgraçados! /Dizei-me vos, Senhor Deus/Se eu deliro...ou se é verdade/Tanto horror perante os céus?!.../Oh mar, por que não apagas/Com a esponja de tuas vagas/Do teu manto este borrão? /...Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira é esta/Que impudente na gávea tripudia? ...Musa...chora, e chora tanto/Que o pavilhão se lave no teu pranto!.../Auriverde pendão de minha terra/Que a brisa do Brasil beija e balança/Estandarte que a luz do céu encerra/Tu que, da liberdade após a guerra/Foste hasteado dos heróis na lança/Antes te houvessem roto na batalha/Que servires a um povo de mortalha!(AGUALUSA, 2008, p. 90)

Numa outra carta, também direcionada a Madrinha Madame de Jouarre, Fradique declara que o “Nação Crioula é muito possivelmente o último navio negreiro da história” (AGUALUSA, 2008, p. 79). A imagem do navio simboliza o deslocamento do sujeito de um espaço social e cultural para um outro espaço, ou seja, o navio, na sua possibilidade de deslocamento, permite, ao mesmo tempo, o deslocamento de espaços inicialmente rígidos, a exemplo dos continentes, possibilitando o que se pode chamar de trânsito cultural. Esse navio é o Nação crioula, que traz nos seus porões o existencialismo de Fradique Mendes e o bardo libertário de Ana Olímpia. É, ao fim e ao cabo, o resumo dos encontros culturais entre as raças que se tornaram tão simbolicamente relevantes nestas rotas transnacionais.

O leitor atento perceberá que, no decorrer do romance, Fradique Mendes entrega-se à África, e, ao fazê-lo, torna-se sujeito de um processo de hibridização. O termo hibridização, advindo da biologia e incorporado aos Estudos Culturais, parece-nos mais apropriado do que mestiçagem, uma vez que sugere um processo mais complexo do que simplesmente a miscigenação racial. Segundo Canclini,

(hibridismo) abrange diversas mesclas interculturais – não apenas raciais, às quais costuma limitar-se o termo “mestiçagem” – e porque permite incluir as formas modernas de hibridação, melhor do que “sincretismo”, fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais. (CANCLINI, 2003, p. 19).

Ao se tornar híbrido, o personagem não só aprende a aceitar o outro, como se confunde com esse outro. Assim, podemos entender Fradique Mendes como uma personificação de um Portugal que se relaciona cronologicamente, num primeiro momento, com a África, onde conhece a negra Ana Olímpia e, num segundo momento, embarca, ainda que a contragosto, num navio negreiro, reconstruindo o caminho – de colonizados, mas também do colonizador – entre o continente africano e o Brasil.

Então, pode-se dizer que a Nação Crioula é tanto portuguesa quanto angolana e brasileira. Nesse território híbrido, encontramos o escritor lusófono que tanto interessa a Agualusa: Fradique Mendes, complexo personagem português no romance de Eça, transmutado em personagem e habitante dessa transnação crioula, uma cultura viajante. Assim, o termo “Nação crioula”, que empresta nome ao livro, simboliza, ao mesmo tempo, a mescla que se dá entre as culturas de Portugal, Angola e Brasil, fundando uma verdadeira nação crioula, ou seja, híbrida. Finalmente, à guisa de uma (in)conclusão, deixamos aqui como provocação final as palavras do autor Hermano Vianna, extraída do prefácio da obra *Nação crioula*, publicada em 2001, pela editora Gryphus, da cidade do Rio de Janeiro



Nação Crioula não prende o leitor apenas por sua historia bem comportada e assumidamente novelescas. Seus méritos são mais complexos. A narrativa tem lugar principalmente no fluxo transatlântico entre o Brasil e Angola do século passado, mostrando a invenção de um Atlântico que não é só negro, mas essencialmente mestiço, propiciador de mestiçagens, espaço de trocas de mercadorias, corpos e ideias. (VIANNA apud AGUALUSA, 2001, s.p.).

## REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. **Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- AGUALUSA, José Eduardo. **Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes**. 6ª. edição [1ª ed. 1997]. Porto: Publicações Dom Quixote, 2008.
- BABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CALVINO, Ítalo. **Como e por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- GERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- GONTIJO, Rebeca. História e historiografia nas cartas de Capistrano de Abreu. **História**, São Paulo, v.24, N.2, p.159-185, 2005.
- QUEIROZ, Eça de. **Correspondência de Fradique Mendes**. 7.ª edição, Porto: Chardron, Porto, 1923.
- MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Pratt, Mary Louse. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação [resenha]. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 20, n. 39, p. 281-289.
- OLINTO, Heidrun Krieger. Literatura/cultura/ficções reais. In: OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Literatura e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 72-86.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.